



## 9º Seminário de Extensão

### TRABALHANDO COM A QUIMIODEPENDÊNCIA E A RESSOCIALIZAÇÃO POSSÍVEL

#### Autor(es)

MICHELE SOARES CORREIA

#### Orientador(es)

Mariá Aparecida Pelissari

#### 1. Introdução

Este trabalho resulta da prática no estágio em Psicologia Social no Programa de Extensão pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), que foi realizado em uma Comunidade Terapêutica, no período de 13 de setembro de 2006 a 10 de julho de 2007 na cidade de Piracicaba. Essa instituição tem por função recuperar e desintoxicar adictos maiores de 18 anos que aceitem a internação. O objetivo central do trabalho realizado foi apreender e desenvolver habilidades teórico-práticas para, analisar e intervir em situações grupais. Para tanto enfocou-se autores que ocuparam-se da compreensão da nova Psicologia Social para o entendimento do sujeito como um todo, histórica e dialéticamente constituído, assim como aponta Heller (1979). Nesse contexto procurou-se compreender a construção da identidade destes jovens adictos, a partir dos estudos de Ciampa (2001). No devir do trabalho grupal e deste como a possibilidade de construção e transformação humana, estabeleceu-se relação com o trabalho de Reboredo (1995) acerca das bases analíticas nas Categorias Sartreanas, possibilitando a compreensão do movimento e das evoluções, tanto do grupo quanto dos indivíduos que o compõe. Procurou-se também, a todo momento introduzir e significar os conceitos de socialização e ressocialização partindo das construções teóricas de Berger e Luckmann (1993), relacionados a alguns outros estudos ligados a adicção e seu tratamento.

#### 2. Objetivos

À partir de sistematizações interventivas realizadas com o grupo de internos da instituição, buscou-se desenvolver dialéticamente através de vivências, os campos operativo, valorativo e afetivo, segundo a dinâmica das relações sociais e do cenário em que ocorriam, bem como identificar os fatores que interferiram nas dimensões que compõem o movimento grupal. Assim buscou-se elaborar, organizar e lidar com instrumentos de intervenção que permitiram trabalhar o processo grupal sob a ótica educativa/terapêutica e assim atuar enquanto facilitadora do processo de ressocialização dos sujeitos adictos e recuperação.

### 3. Desenvolvimento

---

Concebe-se que, os psicólogos, ao trabalhar com as referências do materialismo histórico e dialético, posicionem-se de modo constituir a investigação na práxis, sendo, o conhecimento na sua área de atuação e o retorno deste para a população que o gerou, uma meta. Partindo do dado empírico para chegar à essência dos fenômenos, nota-se a intencionalidade das ações do sujeito, apreendendo o objeto no momento de seu processo. A metodologia definida a posteriori, em um diagnóstico processual, não significa a impossibilidade de traçar planejamentos para atuação. Ao contrário, permite conhecer a realidade em suas contradições objetivas, tendo em vista que pode ser modificada, sempre que os fatos sinalizarem a necessidade de sua reorientação, partindo não só da observação atenta da realidade, como também dos vínculos existentes entre os integrantes da população com a qual se vai trabalhar. Assim, além das reuniões semanais com o grupo propriamente dito, foi muito importante para o desenvolvimento deste, acompanhar as reuniões feitas pela equipe da instituição com os familiares dos internos, tendo em vista os fatores que levam à co-dependência – assumir para si responsabilidades que não lhe cabem, despertando os sentimentos de medo e culpa pelo uso de drogas ou álcool do ente querido. Procurou-se também, realizar reuniões de equipe, considerando de fundamental importância para refletir sobre as práticas de ressocialização. Calcula-se na concepção de que o trabalho grupal supõe ações nas dimensões operativa, afetiva e valorativa, buscou-se não perder de vista a dialética presente no processo de intervenção, análise, diagnóstico, objetivando a superação da serialidade (agrupamento) para a condição de grupo. Assim, foram utilizados como forma de registro, relatos semanais de campo, contendo não só as atividades realizadas, como também planejamentos e reflexões acerca do grupo, uma vez que buscava-se capturar a realidade em movimento no estilo narrativo. Através da utilização também de cédulas de campo (recortes do diário de campo) como instrumento de organização e sistematização, relacionando os fatos com a teoria, pôde-se captar as categorias a serem analisadas. E por fim, para a prática das atividades utilizou-se de vivências grupais, filmes, poemas, músicas, dentre outros materiais.

### 4. Resultados

---

A composição do grupo variou de acordo com as entradas e saídas dos internos, chegando até mesmo ao limite de 16 pessoas. Havia sujeitos que estavam em início ou término de tratamento, bem como aqueles que passavam por sua primeira, segunda ou mais internações. O processo de aglutinação foi auxiliado pelo próprio funcionamento da instituição, que tem uma programação semanal a ser seguida, sendo nossas atividades assim incluídas. Diante da obrigatoriedade da participação dos internos, foi elaborado um contrato no grupo de que só participariam aqueles que se sentissem à vontade para tal, e que ninguém sairia do espaço utilizado para que não fossem punidos. Dentro deste contexto podemos considerar de relevante importância a utilização de regras rígidas para lidar com a recuperação desses sujeitos, que como afirma Proença ao citar Kalina (1999, 63), (...) são pessoas que (...) possuem uma severa patologia dos limites. No entanto, a instituição assume com isto um caráter autoritário e totalizador, protegendo-se da perda do controle sobre os sujeitos e sobre o trabalho realizado. Observa-se que, neste momento inicial, foi de fundamental importância o investimento, através dos feedbacks dados ao grupo, no fortalecimento da confiança. Pensando no profissional psicólogo como alguém que, segundo Reboredo (1995, 25), (...) deve ter como meta contribuir para o fortalecimento de mecanismos que permitam a organização e a conscientização das pessoas, superando assim, as condições de isolamento e alienação do EU-TU, as reuniões eram sempre um espaço de expressão para o grupo, que se viu diante da possibilidade de repensar sua postura dentro da instituição e perante a recuperação, e, depois de pouco tempo já discutia sobre sua cotidianidade, buscando alternativas para tornar diferente sua prática enquanto internos. Ocorriam, portanto, mudanças de cenário, e a própria instituição posicionou-se diante disto, aparecendo assim, a primeira dificuldade em atuar neste sentido. Pôde-se observar também, um certo receio de alguns internos diante das atividades, o que demonstrava na verdade, um amedrontamento perante a possibilidade de serem punidos, ou até mesmo sentirem-se desamparados, como numa crença mágica da necessidade incondicional da instituição. Pensando no momento grupal, onde este começava a organizar-se no sentido de propor uma tarefa em comum, observou-se características da pré-tarefa, onde, segundo Berstein (1989, 116) ao citar Pichón Rivière o grupo se esteriotipa como defesa, frente à ansiedade de mudança (...), como

num mecanismo de postergação com a dificuldade em tolerar a frustração de iniciar e terminar tarefas. No entanto, pôde-se observar também, que o grupo já estava suficientemente fortalecido para assegurar aos membros um momento de elaboração dessas ansiedades, o que já caracterizava a tarefa grupal estabelecida em um momento de Fusão da Serialidade. Consideramos portanto, um avanço significativo, o fato de os integrantes do grupo não mais considerarem as práticas institucionais indiscutíveis, sendo este um assunto marcante durante todo o período de estágio. Já não falavam de algo fora de si. O processo de ressocialização ficava cada vez mais próximo do sujeito. Assim, dentro das atividades, desenvolveu-se os vínculos afetivo e valorativo entre os componentes do grupo, utilizando a reflexão como material de análise, uma vez que entende-se que, segundo Berger e Luckmann (1993, 208) (...) a condição mais importante é dispor de uma estrutura afetiva de plausibilidade, isto é, de uma base social que sirva de 'laboratório' da transformação. Estes autores (1993, 208) afirmam ainda que, a ressocialização (...) assemelha-se a socialização primária (...) uma vez que, faz-se necessário atribuir um tal sentido à realidade vivenciada, de modo que tenha considerável grau afetivo com o pessoal socializante, assim como aquela constituída na infância. Um processo de reinterpretção do passado, onde ocorre a renúncia á questão da coerência para reconstruir uma realidade novamente. Assim, procurou-se enfatizar que, os sujeitos, ao mesmo tempo que fossem os personagens da sua história, fossem também o outro significativo que afirmaria a realidade vivenciada pelo companheiro, num processo de ressocialização que ocorria intra-institucionalmente. Diante disto, foram trabalhados com o grupo através de atividades lúdicas, alguns conceitos tais como a negação da negação, as possibilidades do personagem, como também o processo dialético do dispersar-construir da identidade tanto individual quanto grupal. Este último era muitas vezes materializado no próprio grupo, com as saídas dos internos – término e/ou desistência do tratamento –, o que trazia novamente, dentro da dialética do movimento, a necessidade de novos e constantes diagnósticos interventivos. Acredita-se que este é um dos motivos pelo qual o grupo não teve condições de transcender ao momento de Fusão. No entanto haviam também outros entretempos ligados ao funcionamento da própria instituição, que, mesmo com um discurso contrário, não tem práticas de ressocialização sustentáveis para que o sujeito seja levado a fortalecer-se no seu processo de criação de um novo universo para o seu novo personagem. Ainda perspectivando a ressocialização como foco de trabalho e pensando na adicção como um não falar, durante este tempo de estágio enfatizou-se as diversas possibilidades de comunicação dos sentimentos e pensamentos, através de práticas corporais, artísticas, escritas, ou mesmo calcadas no discurso, tornando-se assim, o que era inominável, através da objetivação da linguagem, objetos da consciência individual e/ou do grupo. Finalizou-se o trabalho com uma atividade onde, destacou-se, através da leitura de dois diários de campo pré-selecionados, a narrativa como forma de significação da realidade vivenciada, instigando-os assim também à escrita, ou à busca de outras formas de expressão.

## 5. Considerações Finais

Não objetivou-se com o trabalho, investigar os motivos que levaram os sujeitos a drogadicção. No entanto, foi possível identificar e investigar muitas variantes envolvidas neste processo. Considerando que Heller (1979, 20) nos aponta que, (...) a dinâmica básica da particularidade humana, é a satisfação das necessidades do 'EU', quando estuda-se a vida dos toxicômanos freqüentemente aparece uma história de dificuldades em lidar com a realidade e assim constantes frustrações. As substâncias portanto, oferecem a ilusão de identidade, satisfação e plenitude. Pensando no trabalho com as famílias e os aspectos relacionados á reincidência, pode-se avaliar que, muitas vezes os profissionais ou os serviços de assistência a esta população não estão preparados para lidarem com ela. Não se dão conta, do caráter histórico e de totalidade do processo humano. Tomando especificamente a instituição na qual realizou-se o trabalho, há um entendimento de que esta tem a idéia de já ter adquirido todas as características necessárias para atuar, não vendo possibilidades de mudanças, que muitas vezes são propostas pelos próprios internos. As regras e decisões acontecem de forma verticalizada e ditatorial. E, em sua ânsia de encontrar os meios seguros para conseguir lidar com a recuperação da adicção, fecha-se para as possibilidades de mudança e de reflexão de sua prática, agindo contrariamente aos seus princípios. Faz-se necessário enfatizar estes apontamentos acerca da instituição, uma vez que encontrou-se muitas dificuldades em lidar neste cenário limitador associado ao processo de evolução grupal e de atuação dos personagens. Entende-se que a

utilização de regras rígidas para esta população é necessária, no entanto, é preciso também, trabalhar o processo de independentização da instituição, que não pode assumir o caráter dominador, transformando os sujeitos em sujeitados e novamente como dependentes. Assim a instituição, e, portanto os profissionais participantes desta, precisam ser um meio educativo, aberto ao processo de metamorfose inerente a condição humana, ajudando o sujeito institucionalizado a aprender identificar seus próprios limites e reconhecer-se enquanto representante-de-si-mesmo.

## Referências Bibliográficas

---

BERGER, P. I. e LUCKMANN T. **A Construção Social da Realidade**. Trad. Floriano de Souza Fernandes. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

BERSTEIN, Marcos. Contribuições de Pichón-Rivière à psicoterapia de grupo. In: OSÓRIO, L. C. **Grupoterapias Hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989, p. 108-132.

CIAMPA, ANTONIO DA C. **A Estória do Severino e a História da Severina: Um Ensaio de Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

HELLER, A.. Estrutura da Vida Cotidiana e Sobre os Preconceitos In: **O Cotidiano e a História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

REBOREDO, Lucília A. **De Eu e Tu a Nós: O grupo em movimento como espaço de transformação das relações sociais**. Prefácio de Silvia T. M. Lane. 2 ed. Piracicaba, SP: Ed. Unimep, 1995.

REBOREDO, L. A.; PELISSARI, M. A. **Noções Sobre Método e Metodologia para Práticas de Grupos em Psicologia Social**. [s. n.] Piracicaba, SP: 2004.

PROENÇA, Patrícia. Entrevista com Dr. Eduardo Kalina. **Psicologia: Teoria e Prática**. São Paulo, 1(1): 51-72, 1999. Disponível em: <<http://www.mackenzie.com.br/universidade/psico/publicacao/revista1.1/artigo8.PDF>>. Acesso em 13 junho 2007.